

Uma pensão chamada Benedita

Edson Messeder

Sem dúvida alguma que era uma das casas mais animadas e mais frequentadas da cidade. Situava-se na esquina da Rua 2 de Julho com a praça do coreto, com uma entrada pela rua e outra pela praça. Portava o nome da sua proprietária. Por isso chamava-se Pensão Benedita.

Dizia-se que Dona Benedita era neta de escravos e que sua relação com a família Gomes provinha do tempo da escravatura. Era difícil de entender quem foi escravo de quem, porque o respeito e o carinho que reinavam entre ela e os Gomes eram imensos. Tratava os filhos de seu Uldário, principalmente Otacílio, como se fossem seus próprios filhos. Dizia-se também que seus avós foram libertados pela Lei do Ventre Livre, promulgada pelo gabinete do Visconde do Rio Branco no dia 28 de setembro de 1871, estabelecendo que todo filho de escravos nascido a partir daquela data seria livre.

Devia ser solteirona, mas na realidade ninguém se questionava sobre seu estado civil; sua respeitabilidade se impunha pelo que ela era, pelo seu comportamento exemplar.

Dona Benedita era uma dessas pessoas que não sabem viver solitariamente. Morava com parentes, filhos de amigos e tantas pessoas que a ajudavam nos afazeres. Criava uma filha de Argemiro Tarzan como uma princesa.

Entre os hóspedes haviam dois que já faziam parte da grande família, pois há muito tempo ali viviam. Todos os dois se chamavam Dante (Dantão e Dantinho, por causa das diferenças físicas). Todos os dois tinham um problema no nariz.

À tarde havia as intermináveis sessões de prosas, verdadeiros salões literários dos quais participavam moças e rapazes da cidade, onde a filosofia da linguagem ordinária, no estilo boanovense, imperava: a vida de todo mundo desfilava, de «mamando a caducando» como dizia seu Felisberto, querendo dizer, do recém-nascido à pessoa idosa. Não era um mau hábito falar da vida alheia. Era algo ligado à época. Era moda, tendência, chique, afinal. Isso se passava na sala de jantar, ao torno de duas mesas, sempre regado com toddy e incensado com a fumaça dos cigarros Astória e Continental sem filtro.

Havia outras opções. Quem não quisesse “filosofar” podia participar dos jogos de baralho, que eram inúmeros: buraco, burro, rouba-monte, relancinho, vinte-e-um, bisca e um jogo muito estranho chamado xibiu. Em outras regiões, xibiu era um jogo infantil com pedrinhas, como capitão, liso etc. Na pensão xibiu era um jogo de cartas. Não me lembro exatamente quais eram as técnicas e as regras visto que os meninos não participavam dos jogos com os adultos. Lembro-me, no entanto, que, como num jogo de damas, para ganhar devia-se proceder por eliminações: no jogo de damas é necessário “comer”

as pedras do adversário. No xibiu, dizia-se que quem ganhasse uma partida, comia o xibiu do adversário. Alguns anos depois eu ainda me indagava por que as mulheres jogavam tão mal e perdiam sempre.

Uma vez, éramos uns dez meninos brincando no coreto. O menor de todos nós e o mais valente era Bede. Era ele quem comandava a massa, gritando:

- Boca de forno!
- Forno! Respondíamos nós.
- Tiras um bolo!
- Bolo!
- Faz o que eu mando?
- Faço! Era a resposta.
- Tá bem mandado? Perguntava ainda.
- Tá!
- E se não fizer?
- O bolo canta! Dizíamos.

— Edson! Gritou-me ele. — Você vai “dar bença” (tomar a benção) a Dona Benedita. Corri em direção à pensão para fazer o que ele me havia ordenado, pois só assim evitaria os bolos. Para aqueles que não sabem o que é um bolo, tratava-se de uma punição usada pelos pais e, sobretudo, pelas professoras. Consistia em bater sobre a palma da mão com uma régua ou com um objeto de madeira fabricado para esse fim: a palmatória.

Quando cheguei na sala de visitas tive que parar, intrigado com as gargalhadas. Alguém gritava: “Obed comeu o

xibiu de Benedita!” Claro que se tratava do jogo, mas, mesmo assim, fiquei estupefato. Apesar de ser ainda uma criança, eu já sabia distinguir os contextos maliciosos. Éramos precoces, não na prática, mas na teoria das libertinagens.

Não se falava da doença de Alzheimer. As pessoas caducavam mesmo e caducavam bonito. Dona Emília, que estava sempre por perto, fazia rir todo mundo quando insistia em acender um tubo de linha, dizendo que era um cigarro e quando se equivocava com os nomes das pessoas. Zêca, para ela, era Xêpa.

Nas sessões de filosofia da linguagem ordinária os temas surgiam em cascadas e passava-se de um assunto a outro como se troca de camisa. Lembro-me de algumas problemáticas cujos resultados eram dados sem hipóteses prévias nem pesquisas. Anunciavam-se os paradoxos de Boa Nova: a mulher que possuía uma casa com a menor sala na cidade, porque a metade era tomada pela padaria, chamava-se Maria Salona; o rapaz mais briguento da paróquia tinha o nome de Pacífico; o homem que jamais entrou na igreja chamava-se Bento; o homem que nunca prendeu ninguém chamava-se Seu Tranco; uma mulher que não era feia, mas que também não era lá essas beldades, chamava-se Dona Princesa.

Criavam-se paradigmas nos quais os últimos nunca eliminavam os anteriores; ao contrário, os conceitos permaneciam perpetuamente na memória coletiva. E assim, espontaneamente, ia se formando a epistemologia de uma das ciências sociais boanovenses mais discutidas: a Fuxicologia. Diga-se de passagem, quando fiz meu estágio em Boa Nova nessa disciplina fui aprovado com a menção de “honra ao mérito”. Se não fosse assim, como poderia contar todas estas coisas?

Houve ainda outra problemática que, em princípio, deveria despertar argumentos pertinentes, mas que finalmente foi resolvida sem polêmicas. Falava-se tanto na “bestagem de Horácio quando arroja”. Será que alguém sabia qual era a origem dessa expressão? Foi sem nenhuma hesitação que Pedrinho se propôs a responder, dizendo que sua mãe (Dona Flor) falava sempre desse fato.

— Foi num dia de sábado de manhã, disse ele, durante a feira, quando a cidade conheceu o maior alvoroço de toda sua história. Um dos jagunços de um tal de Mariano Cocho, assassinou, com uma “repetição”, Seu Benedicto Moraes.

— Quem? Espantou-se Tim. — O pai de tio Antoninho?

— Ele mesmo. Cortou Dorotide. — O marido de Dona Sinhana. Aquele de quem Dona Nira dizia: “todos os nomes dos filhos de seu Benedito começam com A: Áurea, Antonio, Amério, Almerindo, Alcenor, Alfredo, Argentino, Aníbal, menos Ogusto. Fazendo um sinal com as mãos, para acabar com as risadas, Dorotide continuou: naquele tempo a Igreja Católica não permitia que as pessoas que se suicidassem ou que morressem de morte matada (assassinadas) fossem enterradas dentro do cemitério. Por isso a sepultura de seu Benedito está do lado de fora.

Reny fez uma careta que ela fazia sempre quando estava contrariada e disse: um homem tão importante enterrado do lado de fora do cemitério! “Êrch, podre!” (Era uma expressão inventada por ela para traduzir descontentamento).

— Tadinho! Disse Dona Emília. - Deve estar morrendo de frio e de medo lá sozinho...

— Seu Horácio, o marido de Dona Maria Salona, assistiu à cena e ficou muito chocado, impressionado com a visão de tanto sangue. Recomeçou Pedro. — Sujou-se tentando socorrer o ferido. Parecia ter perdido o juízo. Fora de si, ele correu em direção à sua casa, perguntado a todos que encontrava pelo caminho: “sangue fede a bosta, hein? Diga, sangue fede a bosta?” As pessoas, sem entenderem a pergunta, diziam “que bestagem é essa, Horácio?” Ou “deixa de bestagem, Horácio!”.

— Chegando em casa, continuou Pedrinho, as pessoas que ali estavam perceberam a protuberância na parte traseira da calça de Seu Horácio e o mau cheiro que dali exalava. — Saibam, meus amigos, disse Pedrinho, fazendo uma pose solene: — seu Horácio havia defecado nas calças!